

CYBERBULLYING: PRÁTICAS E CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL NA ESCOLA

José Leonardo Diniz de Melo Santos
dinizeleonardo152@gmail.com
Universidade Federal Rural de Pernambuco

INTRODUÇÃO

A comunicação e os fluxos de informação estão passando por contínuas transformações na sociedade pós-moderna. A interação social e as formas de ação tanto entre indivíduos quanto dentro de cada indivíduo são afetadas por essas mudanças (Galuch, 2020). A Internet, sendo uma das formas distintas de comunicação, tornou-se uma ferramenta essencial nas últimas décadas para a interação entre pessoas, graças à sua difusão e ao desenvolvimento tecnológico (Prioste, 2013).

Para ilustrar a relevância desse fenômeno, dados do relatório de Conectividade, encomendado pelo Facebook em 2015, mostraram que, naquele ano, 3,2 bilhões de pessoas tinham acesso à Internet, enquanto 4,2 bilhões ainda estavam excluídas desse acesso. No entanto, esses números agora parecem desatualizados em comparação com as estatísticas do *Worldometers*, uma organização americana que fornece dados em tempo real, incluindo a população mundial, que gira em torno de 7,6 bilhões de pessoas, com aproximadamente 4 bilhões delas conectadas à Internet.

No Brasil, os jovens são definidos como indivíduos com idade entre 15 e 29 anos, conforme estabelecido pelo Estatuto da Juventude, Lei nº. 12.852 de 2013.

A preocupação com os jovens é justificada devido ao ambiente da Internet, que oferece aos internautas, após o acesso, a possibilidade de se conectarem com diversos tipos de pessoas ou comunidades, além de veicularem notícias de todas as naturezas, sejam elas verdadeiras ou falsas. Em suma, a Internet oferece um vasto leque de possibilidades de conexões informacionais. Como observado por Prioste (2013), a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, em uma escala global.

Nesse contexto, o problema de pesquisa se concentra na inserção excessiva dos jovens na Internet, muitas vezes sem acesso a informações completas e seguras que possam orientá-los na navegação desse ambiente virtual, que é plural, complexo e multifacetado. Isso, por sua vez, pode resultar em consequências graves para terceiros decorrentes das práticas digitais de risco na Internet (Blaya, 2013).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada teve como base a pesquisa exploratória para o alcance do objetivo de elucidar os conceitos e fenômenos complexos e pesquisáveis como o cyberbullying (Mattar, 2017). A pesquisa exploratória é uma abordagem valiosa na investigação científica que busca entender e esclarecer fenômenos complexos e ainda pouco compreendidos. Suas possibilidades de uso são amplas e impactam diversas áreas do conhecimento. Aqui estão algumas das principais vantagens e aplicações da pesquisa exploratória: ela permitiu que o pesquisador explorasse territórios desconhecidos, gerando perguntas de pesquisa mais precisas e orientadas. Ao conduzir pesquisas exploratórias, o pesquisador pôde formular hipóteses preliminares que mais tarde podem ser testadas em estudos mais detalhados. Isso ajuda a direcionar a pesquisa de forma mais eficaz. Foi especialmente útil pelo fato do pesquisador estão lidando com um tópico completamente novo ou complexo. A pesquisa exploratória permitiu se familiarizar com os conceitos-chave, termos e variáveis envolvidos, podendo ser usada para desenvolver ou adaptar

metodologias de pesquisa. Isso é particularmente importante quando as técnicas de coleta de dados existentes não se adequam bem ao problema em questão.

Nas ciências sociais, ela é frequentemente usada para entender comportamentos humanos, atitudes e percepções, bem como para identificar problemas sociais emergentes.

RESULTADOS

Os resultados da pesquisa compreendem a narrativa dos dados coletados e gerados, bem como a análise e interpretação crítica desses dados (Severino, 2016). Eles desempenham um papel crucial ao destacar os principais aspectos da problemática estudada, alinhando-se com os objetivos previamente estabelecidos.

As motivações que impulsionam os adolescentes e jovens a compartilhar mensagens são extremamente variadas. Essas razões incluem desde a necessidade de se conectar com outros jovens e dialogar sobre uma ampla gama de tópicos até a vontade de mostrar ao mundo quem são e do que gostam. A pesquisa identificou exemplos notáveis dessas motivações. O dispositivo móvel, geralmente um smartphone, que os estudantes carregam na palma da mão ou nos bolsos de seus uniformes escolares, é muito mais do que um simples acessório ou objeto de uso pessoal. Para os jovens, possuir um smartphone é considerado uma vantagem significativa para estabelecer novos contatos e amizades, tornando-se uma fonte potencial de relações afetivas.

Os estudantes veem o celular como uma ferramenta imediata para se conectar com o mundo, especialmente através das redes sociais. A internet, nesse contexto, é usada como um espaço para a construção pública e privada de identidades pessoais. Os jovens compartilham suas preferências de entretenimento, como filmes, jogos e esportes, e têm a liberdade de brincar com as informações disponíveis. Entre as práticas comuns dos estudantes estão a troca de notícias, fotos, textos e áudios nas redes sociais, contribuindo para a manutenção de suas relações sociais online (Blaya, 2013). Esse volume significativo de conexões virtuais proporciona a criação de vínculos de amizade em diversos níveis e facilita a rápida interação social e virtual. A analogia entre o uso de redes sociais e uma praça virtual pode ser explicada pelo fato de que a internet desempenha várias funções. Ela permite que mensagens sejam trocadas simultaneamente em grupos com vários usuários, como ocorre no WhatsApp, ao mesmo tempo em que possibilita conversas privadas entre um usuário e outro do grupo. Isso significa que os internautas têm acesso a conteúdos postados publicamente e podem usá-los para divulgar, criticar e compartilhar com outras pessoas de maneira privada.

As redes sociais também servem como um tipo de diário pessoal, onde os jovens podem afirmar sua própria identidade. A escolha da melhor rede social para navegar está relacionada à forma como os jovens se identificam e como desejam ser percebidos pelos outros. A internet é vista como uma ferramenta que oferece liberdade e autonomia aos jovens. Ato de transgressão, como falar mal de professores ou vandalizar as escolas, são comuns no ambiente escolar e são experiências compartilhadas pelos estudantes. O que mudou foi a forma como essas condutas são realizadas, muitas vezes de maneira anônima ou não identificável. É importante observar que nem todas as postagens nas redes sociais podem ser consideradas cyberbullying. A navegação na internet é justificada por diversos motivos, incluindo a busca por amigos, a afirmação da identidade pessoal, a diversão e até mesmo a transgressão. Nesse contexto, mensagens depreciativas e a criação de imagens da vítima transformadas em "memes" podem ter graves implicações para a saúde e o bem-estar dos jovens e adolescentes, pois são alvo de zombaria na internet. Portanto, postar comentários prejudiciais em redes sociais como o Facebook e o Instagram, divulgar listas com os nomes dos colegas de sala de aula que não gostam, discriminar os colegas com base na cor da pele, orientação sexual ou aparência física, criar "memes" com as fotos dos amigos, publicar mensagens indiretas para atacar os amigos, dar apelidos depreciativos, compartilhar mensagens na linha do tempo das redes sociais com conteúdo prejudicial e participar

de jogos virtuais que envolvem avatares violentos ou desafios perigosos, como o caso da "baleia azul", são exemplos claros de comportamentos que configuram o cyberbullying.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A socialidade pós-moderna apresenta características distintas que definem sua essência: é uma fusão entre elementos arcaicos e avanços tecnológicos. Com a ascensão da internet, a dinâmica social é constantemente redefinida. As relações sociais, experiências, formas de entretenimento e interação passam por modificações profundas. A internet virtualizou as interações humanas, criando uma nova ordem comunicativa, reduzindo distâncias geográficas, dissolvendo isolamentos e facilitando encontros. Ela estabelece canais de diálogo, reflexão e debate sobre uma variedade de assuntos e interesses.

No contexto educacional, em consonância com a evolução da socialidade, a internet desempenha um papel significativo. Seu uso ultrapassa as fronteiras pedagógicas, influenciando profundamente as dinâmicas sociais estabelecidas, transformando formas antigas de expressão do fenômeno da violência. O *bullying*, caracterizado por comportamentos intencionais e repetitivos de ofensas, humilhações, exposição e agressões físicas, intensifica-se no ambiente virtual. Manifesta-se em postagens, compartilhamentos e curtidas, onde o indivíduo é alvo de insultos, ameaças e humilhações de várias formas, muitas vezes de maneira anônima. O *ciberbullying* transcende amplamente as barreiras geográficas, expondo as vítimas ao escárnio público de maneira extremamente cruel. Isso é evidenciado pela maldade dos agressores, que frequentemente se escondem por trás do anonimato.

A ausência de conhecimento acerca da modulação *ciberbullying* por parte de profissionais da educação, é outro fator pontual. A falta de compreensão por parte dos profissionais da educação sobre a complexidade do *ciberbullying* é outro ponto crucial. Nesse cenário, a intervenção de profissionais que estão atentos aos sinais de desequilíbrio é vital. A violência, enquanto fenômeno manifestado pelos indivíduos nesta sociedade, não se diferencia em sua essência, mas sim em suas variações. Entender sua dinâmica nos permite assimilá-la como uma expressão intrínseca à condição humana e, a partir dessa compreensão, refletir sobre medidas que possam reduzir os danos causados por esse fenômeno. Essa percepção nos impulsiona a explorar, reconhecer e compreender a diversidade das manifestações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Cyberbullying. Violência. Escola. Políticas Públicas

REFERÊNCIAS

BLAYA, Catherine. **Os adolescentes no ciberespaço:** atitudes de riscos e ciberviolência. Lisboa, Portugal: Piaget, 2013.

GALUCH, M. T. B. et al. **Bullying e preconceito não são brincadeira:** reflexões sobre a violência escolar. São Paulo: Benjamin Editorial, 2020.

MATTAR, J. **Metodologia científica na era digital.** São Paulo: Saraiva, 2017.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet :** laços e embaraços no mundo virtual / orientação Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. São Paulo: s.n., 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24.ed. São Paulo: Cortez, 2016.